



360 Graus

por Jane Godoy

janegodoy.df@dabr.com.br

Um semestre promissor

Certa vez, lendo Bernard Shaw, coloquei o marca-texto nesta frase: “É impossível haver progresso sem mudança. E quem não consegue mudar a si mesmo, não muda coisa alguma”. Fiquei a pensar no quanto esse “mudar a si mesmo” não deve englobar simplesmente mudar. Mudar se necessário. Mudar para melhorar. Mudar para progredir. Mudar para alcançar os objetivos que, na atual conjuntura, se tornam indispensáveis e prementes.

Mudamos, então, para sermos melhores, mais dispostos e abertos a tudo o que, com nossa contribuição e vontade ferrenha, poderemos alcançar a plenitude, em todas as áreas. Me esbarro, então, em Dwight Eisenhower, o seríssimo ex-presidente dos Estados Unidos da América: “O que conta não é, necessariamente, o tamanho do cachorro na briga e sim, o tamanho da briga no cachorro!”

Nunca vi pensamento mais apropriado para a situação atual, em nosso país. Precisamos, com urgência, começar um trabalho de reforço positivo, de torcida e vontade para que tudo dê certo, para que os cidadãos consigam viver em paz e se concentrar somente no caminho que nos conduza para frente e para o alto, e deixar de ficar pesando e medindo “o tamanho no cachorro na briga”.

Por isso, o que eu mais gosto de fazer e de alardear, é o que estão fazendo pelo bem da comunidade, sem medir e sem pesar se que está fazendo é quem mereceu meu voto ou não. O importante agora é fazer e cabe a nós reconhecer, aplaudir, valorizar e, porque não, pedir mais.

Por isso publiquei, como podem ver acima, a arte com o gráfico que nos mostra o balanço do primeiro semestre, da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal. Nele, podemos observar muitas quedas: de



Brigadeiro Antônio Lorenzo

homicídios; de crimes contra o patrimônio; de crimes, além de 31 delegacias do DF, que agora funcionam 24h, e mais a apreensão de 1 tonelada de droga que, naturalmente, soltas por aí, se tornariam mais um grande problema para a comunidade, uma ameaça para os jovens, se infiltrando pelas portas das escolas.

É o menor número de vítimas, deste mês, desde 2008. O índice de lesão corporal seguida de morte também caiu. Foram três casos nos primeiros seis meses, metade em relação ao mesmo

recorde do ano passado.

Como todos podem ver, isso é deixar de lado a polêmica sobre “o tamanho do cachorro na briga”, arregaçar as mangas e... trabalhar!

O tempo é implacável. Voa.

O chefe da Assessoria de Comunicação Social da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal, brigadeiro Antonio Lorenzo (foto), nos informa, que “O órgão ainda lançou, nos primeiros meses do ano, a campanha MetaaColher, que convida a sociedade

a repensar a máxima “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

“O projeto busca expor o papel de responsabilidade de cada cidadão como engrenagem importante na cruzada contra o feminicídio. O objetivo é causar impacto de médio a longo prazo no número de denúncias, divulgando os esforços empreendidos pela Secretaria de Segurança Pública e suas Forças como forma de prevenção a casos desse tipo de crime”.

Um exemplo é o Estudo inédito que traça o raios X do crime no DF, e no

Brasil, elaborado pela SSP/DF. O relatório chamou atenção da Secretaria Nacional de Segurança Pública, onde já foi apresentado para análise de ampliação dessas estatísticas para todo o país.

Notícias boas de dar. Quanto a nós, vamos deixar ideologias, simpatias e antipatias partidárias de lado e, por favor vamos pensar grande. Bem grande!

Vamos praticar o que, em psicologia se chama Reforço Positivo e torcer, isso sim, para que tudo dê certo.

Este é o melhor caminho a seguir. É vencer e vencer os obstáculos.

Secretaria de Segurança Pública/Divulgação

BALANÇO 1º SEMESTRE DA SEGURANÇA PÚBLICA DO DF



FESTIVAL

Curtas locais alcançam projeção no AnimaMundi

» RICARDO DAEHN

Totamente animado em 3D, feito em plataforma hiperrealista, o curta em realidade virtual *O sumidouro de Ágreda* — “um produto 100% brasileiro”, como ressalta o diretor Márcio Moraes — forma a dupla de filmes locais selecionados para a 27ª edição do AnimaMundi, com a etapa carioca a ser encerrada hoje e com a programação paulistana a ser iniciada na próxima quarta-feira.

Ao lado do curta do diretor Márcio Moraes, na verdade um segmento de projeto de longa em desenvolvimento, está outra produção com origem em Brasília: *Xingu, o rio que pulsa em nós* (fruto do Instituto Socioambiental, ISA, que agrupa parte da sociedade civil nacional), com direção de João Maia, e criado numa ponte integrada em Brasília, Altamira (Pará) e São Paulo. “O filme trata de um direito fundamental: a garantia da vida de povos indígenas e ribeirinhos que vivem em uma região única no mundo: a Volta Grande do Xingu. Para isso, é essencial que o hidrograma e consenso sejam revistos e seus testes cancelados”, observa Biviany Rojas, advogada do ISA.

No âmbito da mostra competitiva de realidade virtual do Anima Mundi, *O sumidouro de Ágreda* trouxe cinco meses de trabalho para a equipe. Lidando com resolução em 4K, o filme consumiu 12 dias para a compactação das imagens e a mistura de dados que trouxe o aspecto final no acabamento. Modelagem, cenário e animação exigiram quatro meses. O orçamento foi de R\$ 55 mil, e veio via FAC (Fundo de Apoio à Cultura do DF) e do Fundo Setorial da Ancine. “Competiremos

DUAS PERGUNTAS

João Maia

Quais as maiores dificuldades, ao elaborar aspectos artísticos e de produção do curta *Xingu, o rio que pulsa em nós*?

O maior desafio nesta produção foi transformar a enorme e relevante pesquisa que os indígenas Juruna (Yudjá), em parceria com o ISA e Universidade Federal do Pará, conduzem sobre o tema em um filme curto, tocante, potente, capaz de gerar engajamento e convidar o público para atuar como parceiro numa luta fundamental.

Que relevância tem a seleção para o AnimaMundi?

Conseguir que uma mensagem tão urgente, relevante e necessária chegue a público por meio do AnimaMundi é de essencial importância para ampliar o alcance desta luta.

com muitos títulos internacionais, donos de muito mais verba do que a gente. Ser selecionado é grande vitória. É um filme que agrada bastante ao público. Estamos em rol que traz títulos premiados internacionalmente”, comemora Márcio Moraes.

Na fita, há apresentação de trama em intramundo — “como se no interior da Terra, tipo ‘viagem ao centro da terra’”, conta Moraes. Mais de 15 anos dedicados à animação, formação em cinema na França e experiências como professor no lesb renderam inspirados momentos para o cineasta que tem 54 anos, e é primogênito do reco-

Tree House Studios/Divulgação



O inovador *O sumidouro de Ágreda* foi integralmente executado no DF

nhecido diretor Geraldo Moraes, morto em 2017. Dentro de um elaborado universo, criado em roteiros desde 2013, o filme, sem violência, tem como meta o público juvenil.

Primeiro capítulo do projeto sob o nome de *Na terra dos Ekitumans, O sumidouro de Ágreda* coloca o espectador como agente ativo da trama: na pele do personagem central (uma moça), o público faz passeio, a partir da experiência de um sequestro em que Elias (um barqueiro) poderá ajudar, na rota de fuga para espécie de calabouço.

“Não tem discos voadores, neste planeta habitado por seres fantásticos. Nosso cenário é enorme, e você fica dentro de uma caverna gigantesca; para qualquer lado que olhar, você está no ambiente do filme. A sensação é de tela muito maior do que a do cinema — você imerge no filme. Com uso de óculos, a experiência melhora. Hoje em dia, com um filme em computador, você coloca os óculos e assiste”, comenta o diretor Márcio Moraes.

Reprodução



Xingu, o rio que pulsa em nós: produção impulsionada pelo Instituto Socioambiental

Grosso modo, *O sumidouro de Ágreda* — desenvolvido para uma experiência individual de imersão — contempla viés crítico relacionado à ecologia. “Os ekitumans dominam a gente, co-

mo nós, homens, temos dominado os animais. Em trabalhos forçados e lavou, os homens são usados na construção de uma crítica sutil, sem moral da história”, conclui.